

## VIVÊNCIAS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO SOBRE A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E PROCESSOS SUBJETIVADORES

Ana Luiza Souza da Rocha <sup>1</sup>

Geise do Socorro Lima Gomes <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho busca apresentar a temática da Medicalização da Educação, através dos relatos de experiências vivenciados junto ao Projeto de Extensão: “Medicalização da Educação e Processos de Subjetivação”, que está vinculado a Faculdade de Pedagogia, da UFPA- Campus Castanhal. Nesse sentido, a medicalização se tornou objeto de estudo por diversas ciências nos últimos tempos, na atualidade, ela tem sido usada como silenciador dos vários modos de ser e aprender de crianças e jovens, além disso, vem tentando camuflar problemas de cunho político, econômico e social, que se sustentam na problemática do fracasso escolar e nos distúrbios de aprendizagem. O referencial teórico adotado tem sido a “Teoria da Subjetividade” de González Rey e outros autores(as) que são referência na temática da medicalização e do fracasso escolar no Brasil, como: Cecília Colares e Maria Aparecida Moysés (1994), Maria Helena de Souza Patto (1999) e outros. Logo, busca-se discorrer sobre as vivências que ocorreram nas ações do referido projeto, a fim de evidenciar a complexidade do fenômeno da medicalização da educação, a qual vem tecendo consequências catastróficas, numa espécie de “sociedade condicionante” que visa o controle dos corpos e, conseqüentemente, o controle da subjetividade de crianças e jovens.

**Palavras-chave:** Medicalização. Subjetividade. Distúrbios de aprendizagem. Fracasso escolar

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UFPA, [luroch41@gmail.com](mailto:luroch41@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Professora Doutora da Faculdade de Pedagogia - UFPA, [geise@ufpa.br](mailto:geise@ufpa.br)

## INTRODUÇÃO

O ensino, a pesquisa e a extensão são os pilares que sustentam o fazer universitário. Entre eles, a extensão tem ocupado espaços de discussões, pois, embora seja, por vezes, tida como campo pouco valorizado dentro do próprio âmbito acadêmico, a extensão é exaltada e tida como lugar de encontro privilegiado entre a universidade e a comunidade, uma vez que, nela, a teoria encontra-se com a prática, proporcionando um movimento quase que mágico e de completude que, entre elas, faz-se. Segundo Freire, “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (1987, p. 39), desse modo, fica evidente que é a partir dessas vivências que a extensão possibilita, do estar “fora do papel e da bolha”, que é possível ver e rever o que está sendo feito, abrindo as portas para novas formas de aprender, exercitando e valorizando a troca de saberes

No contexto hodierno, o movimento social da medicalização ganha força a cada dia, pois apresenta-se como contrário às práticas que visam patologizar a infância, bem como faz duras críticas às práticas medicalizantes e medicamentosas que estão disseminadas em diversos espaços, fazendo, assim, o exercício de mostrar como elas vêm operando e consolidando-se, de forma articulosa e covarde, dentro dos espaços educacionais. Logo, ao adentrar nas escolas, não é difícil perceber como a medicalização está sendo “empurrada goela abaixo”, através de uma enxurrada de diagnósticos, transtornos e disfunções orgânicas que julgam o comportamento humano, apenas pelo seu caráter biológico e comportamental, ignorando toda a complexidade que é o ser humano e que envolve suas vivências históricas, culturais e sociais. Nesse sentido, Cecília Collares e Maria Aparecida Moysés (1994) afirmam que:

Medicalização refere-se ao processo de transformar questões não-médicas, eminentemente de origem social e política, em questões médicas, isto é, tentar encontrar no campo médico as causas e soluções para problemas dessa natureza. A medicalização ocorre segundo uma concepção de ciência médica que discute o processo saúde-doença como centrado no indivíduo, privilegiando a abordagem biológica, organicista. (COLLARES; MOYSÉS, 1994, p. 25)

Partindo desse princípio, faz-se necessário entender a complexidade do fenômeno da medicalização na sociedade, o qual envolve problemáticas de cunho político, econômico e social. Além disso, a medicalização vem perpassando o âmbito escolar e tecendo consequências catastróficas para a sociedade como um todo, numa espécie de “sociedade condicionante”, visando o controle dos corpos e, conseqüentemente, o controle da subjetividade dos indivíduos.

Desse modo, para Foucault (2012), vivemos em um regime em que uma das finalidades da intervenção estatal é o cuidado do corpo, a saúde, e a relação entre as doenças e saúde etc. Nesse sentido, Michel Foucault traz-nos o conceito de biopoder, que é uma forma de governo da vida ou uma forma de governar os corpos dos indivíduos. O biopoder atua através de um controle minucioso dos corpos, em nome de uma saúde e bem-estar familiar e social, que é justamente o que vem ocorrendo através das práticas medicalizantes da educação. A racionalidade médica, acrescida ao controle do corpo, criam fatores condicionantes e limitantes que vêm apoiando o discurso dos distúrbios de aprendizagens e transtornos atribuídos à não aprendizagem do aluno, com o intuito de maquiagem problemas mais profundos e pouco investigados, a fim de que os transtornos e diagnósticos sirvam como via para explicar, diagnosticar e controlar os comportamentos considerados desviantes.

Constantemente, diversos alunos e alunas têm sido encaminhados a serviços de saúde a partir de queixas, ora relacionadas ao seu comportamento, ora a “problemas” ou “dificuldades” de aprendizagem. O Fórum sobre a medicalização da Educação e da Sociedade (2015), lançado no Brasil no ano de 2011, tem agregado diferentes entidades, pesquisadores, estudantes e profissionais do campo da educação e da saúde preocupados com os efeitos que a medicalização tem provocado nos diferentes âmbitos da nossa vida. Alinhamo-nos à perspectiva defendida por esse fórum de que a medicalização tem se constituído como:

[...] um tipo de racionalidade determinista que desconsidera a complexidade da vida humana, reduzindo-a a questões de cunho individual, seja em seu aspecto orgânico, seja em seu aspecto psíquico, seja em uma leitura restrita e naturalizada dos aspectos sociais (FÓRUM, 2015, p.1).

Na educação, a medicalização vem atuando por meio de práticas discursivas e não discursivas, referendando normativas sobre a subjetivação dos corpos e os processos de aprendizagem. Encontramos, na proposta do projeto citado, *uma importante forma de elas aprendem? O filme despertou alguma memória da infância de vocês? As crianças de hoje*

*ainda brincam? Se não, qual é o problema?* aproximar os debates que vêm acontecendo por meio desse Fórum à comunidade acadêmica, aos profissionais de educação, aos profissionais de saúde e à comunidade dos bairros próximos ao referido campus. Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar as primeiras vivências ocorridas nesse projeto que vem utilizando o cinema como espaço de encontro de diferentes narrativas sobre si e o outro. Nessas trocas, cria-se um espaço afetivo e comunicativo importante para problematizarmos a medicalização na educação, além de abrir espaço para tratar a produção de sentidos acerca do que é ser criança e como aprendem.

Na educação, a medicalização vem atuando por meio de práticas discursivas e não discursivas, referendando normativas sobre a subjetivação dos corpos e os processos de aprendizagem. Encontramos, na proposta do projeto citado, uma importante forma de aproximar os debates que vêm acontecendo por meio desse Fórum à comunidade acadêmica, aos profissionais de educação, aos profissionais de saúde e à comunidade dos bairros próximos ao referido campus. Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar as primeiras vivências ocorridas nesse projeto que vem utilizando o cinema como espaço de encontro de diferentes narrativas sobre si e o outro. Nessas trocas, cria-se um espaço afetivo e comunicativo importante para problematizarmos a medicalização na educação, além de abrir espaço para tratar a produção de sentidos acerca do que é ser criança e como aprendem.

## **METODOLOGIA**

O princípio metodológico do projeto é a pesquisa-ação-intervenção (PRUDENTE; TITTONI, 2014), que compreende o processo de pesquisa como exercício ético, para que haja a valorização dos saberes de todas as pessoas envolvidas no projeto. Apoiando-se nesses pressupostos, os delineamentos metodológicos foram: delimitação da área de abrangência das ações do projeto, a partir das unidades de saúde e escolas/creches municipais que compreendem a circunvizinhança do Campus da UFPA de Castanhal; contato inicial com os representantes dessas instituições, por meio de reunião ampliada, nas quais ocorreram a apresentação do projeto e seu objetivo, possibilitando a consolidação das parcerias e permitindo, se necessário, reformulações, por intermédio das observações e destaques realizados pelas pessoas envolvidas; e organização de grupo de estudos com envolvimento de estudantes bolsistas e voluntários.

Ressalta-se que o presente projeto de extensão começou suas atividades em Abril de 2022, além disso, em Junho do mesmo ano, iniciaram-se as ações nas comunidades e no

âmbito acadêmico. Em um primeiro momento, foram realizadas rodas de conversa que se deram por meio de uma breve acolhida e apresentação dos presentes na atividade. Em seguida, foram realizadas a exposição da proposta do projeto de extensão e sua relevância para ajudar na compreensão da temática e a entrega de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a fim de solicitar aos participantes autorização para gravação das falas e seus usos, posteriormente, nos relatos de pesquisas.

A dinâmica do Cine-debate gira em torno da exibição do filme “Território do Brincar”, produzido por Renata Meirelles e David Reeks, que retrata a realidade de diversas crianças que estão espalhadas do Norte ao Sul do país. No filme, é possível perceber como as crianças brincam, expressam-se e aprendem, pois, apesar das adversidades, problemáticas sociais, políticas e econômicas, que fazem parte da realidade de muitas crianças e jovens do Brasil, a infância deles faz-se presente através dos jogos e das brincadeiras. Após a observação atenta do filme, os participantes são convidados para um debate sobre o que acharam do filme, quais suas percepções diante das imagens que viram e o que essas imagens despertaram no imaginário de cada um(a). A mediação é feita de forma sutil para que eles se sintam à vontade para alinhar suas vivências ao filme, através de perguntas, como: *O que é ser criança? Como elas aprendem? O filme despertou alguma memória da infância de vocês? As crianças de hoje ainda brincam? Se não, qual é o problema?*

A mediação é uma ferramenta que visa instigar a reflexão e a melhor participação dos que estão presentes na ação. A coleta de dados é feita por 2 celulares que fazem a captação de áudio durante o cine-debate, o que é devidamente autorizado pelos participantes, pois adiante serão utilizados para compor os dados a serem analisados em parte da pesquisa e do delineamento de um plano de trabalho para ações de cunho formativo/educativo que versem práticas desmedicalizantes na educação, como previsto no plano de trabalho. Desse modo, através dessa coleta de dados, é possível destacar algumas falas dos participantes, a fim de discutir os resultados junto ao referencial sobre sentido subjetivo em González Rey (2003).

Partindo dessas ações de extensão, foi possível a ampliada coleta de dados, visto que, ao longo do tempo, essas ações percorreram não só o espaço acadêmico, mas, também, os espaços sociais mais diversos, como por exemplo: escolas, postos de saúde e a comunidade dos bairros próximos à universidade (rouxinol, heliolândia, jaderlândia e Ipês).

As primeiras rodas de conversas foram compostas por 04 (quatro) equipes de profissionais ligados às unidades de saúde dos bairros do Rouxinol e do Heliolândia,

localizadas no município de Castanhal, onde o Projeto atua, tendo sido realizadas em momentos diferentes, de acordo com a agenda das equipes de saúde e sendo realizadas em seus locais de trabalho a pedido das mesmas. A última roda de conversa ocorreu no espaço da universidade com a turma de pedagogia: 2022.3 da modalidade intensiva (intervalar), no dia 23/03/2023. Os dados coletados fornecem subsídio para pesquisa exploratória e de campo, por meio da abordagem qualitativa, com o intuito de conhecer a compreensão que os/as envolvidos/as no projeto têm acerca da temática destacada, tendo como elemento disparador os sentidos atribuídos ao que é ser criança e aos seus modos de aprender

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nessa perspectiva, o referencial teórico adotado tem sido “A teoria da subjetividade” de González Rey, para quem a pesquisa qualitativa “é um processo contínuo de elaboração de conhecimento, nos quais os resultados apresentam-se parcialmente e se associam firmemente em novos questionamentos, permitindo outras possibilidades de produção de conhecimento.” (PAULA; PINTO, 2018, p.08-09). Logo, o projeto de extensão citado, realiza seus trabalhos na modalidade da pesquisa-intervenção, em que as ações extensionistas aliam-se à realização de pesquisa a fim de dar visibilidade aos modos como são produzidas subjetivações acerca das crianças e seus modos de aprender. Na visão do autor a Subjetividade:

É uma produção do sujeito que tem como matéria-prima sua vida social e a cultura, porém, não existe nenhum tipo de relação direta entre o caráter objetivo de uma experiência vivida e a forma em que ela influencia o desenvolvimento psíquico da pessoa. Esse desenvolvimento está sempre metamorfoseado por uma produção de sentidos subjetivos que se definem na configuração subjetiva da experiência vivida (GONZÁLEZ REY, 2012a, p. 34 *apud* SOUZA; TORRES, 2019, p. 37).

A fundamentação teórica adotada para subsidiar as práticas do projeto é a “Teoria da Subjetividade”, de González Rey, e autores que são referências nacionais na temática da medicalização, como: Maria Aparecida Moysés e Cecília Collares (2005), Maria Helena Souza Patto (1999), entre outros.

Esse referencial subsidia a “Epistemologia Qualitativa” adotada por Gonzáles para os estudos dos processos de subjetivação, por meio do método construtivo-interpretativo que ajuda a compreender a complexidade humana, através do entendimento de seu caráter social e cultural. Portanto, para Rey (2003), a subjetividade deve ser entendida como:

um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social (p. IX)

Ao que concerne à medicalização, a autora Marisa Eugênia discute essa temática na atualidade e suas expressões no campo educacional, desenvolvendo a medicalização e seus desdobramentos dentro da patologização de comportamentos e aprendizagem, que exigem um olhar crítico dos que participam desse processo, sendo eles: educadores, psicólogos e os profissionais da saúde. Nesse sentido,

A medicalização constitui-se em um desdobramento inevitável do processo de patologização dos problemas educacionais que tem servido como justificativa para a manutenção da exclusão de grandes contingentes de crianças pobres que, embora permaneçam nas escolas por longos períodos de tempo, nunca chegam a se apropriar de fato dos conteúdos escolares. (MEIRA, 2012, p. 140)

Portanto, a compreensão crítica sobre as práticas de medicalização da e na educação ganha amplitude quando analisada de modo transdisciplinar, evidenciando os processos de subjetivação dos modos de ser criança e de aprender.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O projeto de extensão realizou cine-debates com 4 equipes de 2 unidades de saúde, dos bairros: Rouxinol (10 participantes) e Heliolândia (07 participantes); clube de mães (21 participantes); Creche Antonio Martins (20 participantes) e discentes da Faculdade de Pedagogia – Campus Castanhal, da turma: 2022.3 (29 participantes).

A Teoria da Subjetividade do autor González Rey (2019) traz contribuições significativas para que se possa entender como o sujeito é singular e, conseqüentemente, como suas produções de sentidos e saberes são o reflexo de sua subjetividade. Partindo desse ponto, o autor afirma que a Subjetividade é:

É uma produção do sujeito que tem como matéria-prima sua vida social e a cultura, porém, não existe nenhum tipo de relação direta entre o caráter objetivo de uma experiência vivida e a forma em que ela influencia o desenvolvimento psíquico da pessoa. Esse

desenvolvimento está sempre metamorfoseado por uma produção de sentidos subjetivos que se definem na configuração subjetiva da experiência vivida (GONZÁLEZ REY, 2012a, p. 34 apud SOUZA; TORRES, 2019, p. 37)

As discussões levantadas com as equipes de saúde, mães e estudantes trouxeram falas que se encontraram em vários aspectos nas descrições dos modos de ser criança e de aprender, mas que também produziram divergências de opiniões. As cenas visualizadas no filme, em que crianças brincam, sobretudo de forma espontânea em diferentes regiões do Brasil, suscitou, na primeira equipe, ideias ligadas à liberdade, como algo intrínseco à criança, sustentadas na lembrança de suas próprias vivências de infância, como destaca-se a seguir:

Vou falar da minha infância porque eu vivi isso. Então, eu sou maranhense e vivi isso realmente na minha infância. Eu gostava de fazer as roupinhas da boneca, porque a mamãe comprava a peça de tecido fabricava, né, e a gente fazia nossas roupas e aí eu ficava olhando e fazia igual para minhas bonecas. As bonecas tinham algumas que a gente fazia de pedaço de pau e o cabelo era do cabelo da espiga de milho (ANINGA, GRAVADOR, 2022)

Contudo, em dado momento ao grupo, quando, a partir do relato vivenciado na infância por uma das participantes, as narrativas começaram a sofrer alterações, abandonando a “romantização da infância” e trazendo os possíveis perigos aos quais as crianças podem estar expostas, necessitando de cuidados e proteção. Como exemplificado na fala abaixo:

Muita saudade mesmo que eu sinto e hoje a gente vê como é diferente a situação dos nossos filhos. Muitas vezes, a gente vê por aí crianças largadas, né, nas ruas. Muitas vezes é aprendendo coisas que não devem, né. Aprendendo já no tráfico como usar drogas, outras crianças é aprendendo, querendo ser traficante, como ali perto de casa tinha uma criança quando ele falava assim: ‘quando eu crescer eu quero ser é traficante, quero ser assassino’ e quando ele ia brincar com uma armazinha que ele fazia de isopor, ele mandava o outro amiguinho ‘bora, caí no chão!’, ‘pei, pei!’, ‘perdeu, playboy!’ (ALLAMANDA, GRAVADOR, 2022).

Mesmo sem as pesquisadoras mencionarem a medicalização tal como temos debatido, esse assunto surgiu nas falas das participantes, fazendo referências ao adoecimento mental da população por conta da rotina do dia a dia, os rompimentos dos vínculos familiares, causados pela falta de tempo de estar juntos, compartilhando e criando experiências, o uso excessivo das tecnologias como celulares, sobretudo, pelas crianças que têm levado estas ao isolamento e às dificuldades de aprendizagem. Assim, pode-se observar na fala a seguir:

Infelizmente, a gente já não vê isso, mas, eu vejo, assim, que isso se tem muito assim porque a gente deixou, a gente não permitiu que essas coisas continuassem, porque se tornou mais fácil a gente dá liberdade pra tecnologia, que é muito mais prático você interter uma criança com um telefone que ela não vai tá perguntando nada, do que com uma brincadeira em que ela precise de você pra orientando ela, né. Então, isso assim, pra mim, eu acho que é chegou no nível que chegou hoje, o fato das crianças hoje, é não brincarem tanto, é porque a gente permitiu isso, por comodidade nossa mesmo, pais, professores (GUARANÁ, GRAVADADOR, 2022)

Em relação à segunda equipe, o que ficou mais evidente foi a leitura dos territórios onde as crianças brincavam no filme, fazendo-os pensar na diversidade que compõe o cenário brasileiro, as diferentes realidades sócio-econômicas e culturais e que, mesmo diante disso, as crianças brincam e aprendem brincando, explorando descobrem o mundo.

O que a gente pode perceber com o filme, com os vídeos, com as imagens é que a criança, ela é criança, independente do lugar que ela está ou da sua classe social, né? O que a gente pode observar é que, em todos os tipos, elas sendo de uma classe inferior ou de uma classe social maior, de classe média ou, até mesmo, a região sendo no Norte, no Sul, no Nordeste, todas as crianças, elas brincam. (MAMORANA, GRAVADOR, 2022).

As mães do Rouxinol, por sua vez, também lembraram suas infâncias e fizeram uma interessante autocrítica ao falarem dos “excessos” de cuidados em relação aos filhos e o medo das violências diversas: uso de drogas, aliciamento sexual, abusos etc.

Pra mim deixar meu filho ter essas brincadeira hoje, tem que ser vigilante, muito vigilante, né. E, assim, naquela época, que nós fomos criada e ainda hoje existe, nós que trabalhamos periferia vemos muitos esses tipos de brincadeira ainda acontecer e nós criticamos, né. Quando a gente vê uma criança na chuva tomando banho a gente diz que a mãe é descuidada, e quem quer levar o nome descuidada? (CASTANHEIRO, GRAVADOR, 2022)

Nem todas as mães falaram, mas houve uma manifestação expressiva de algumas que foi acompanhada pela afirmativa dos presentes através das trocas de olhares e manejo de cabeça. Estas sugeriram que fosse realizada uma sessão do filme com as crianças do bairro, a fim de que pudessem “ver” as brincadeiras que elas “não conhecem”, “não brincam” e, assim, também poder criar um espaço com elas sobre essa discussão.

As participantes do cine-debate no clube de mães frisaram sobre o uso desregrado das tecnologias, o que, segundo elas, é um dos motivos das crianças não brincarem e não se expressarem mais.

O telefone é um meio é serve para prender serve, mas, também ensina muito. Então eu penso assim que cada um da maneira que achar melhor, né. Eu particularmente, eu não dou, não dou o telefone pro meu filho. Ele não tem telefone, não tem tablet. E aí eu penso assim já tá tudo do jeito que tá, aí se a gente vai o filho fica, né? fica uma criança que não quer comer fica com uma criança que não quer tomar um banho (GUARANÁ, GRAVADOR, 2022)

Diante das diversas falas apresentadas, é possível notar a importância do cine-debate como ferramenta tecnológica aliada à pesquisa, pois o debate só foi possível através das imagens que foram retratadas no filme “Território do Brincar”. Nesse sentido, destaca-se a categoria do sentido subjetivo, que é produzido por cada participante, a partir de suas vivências e como elas interagem com questões sociais, econômicas, políticas etc.

Logo, é visível que as falas são carregadas de sentidos subjetivos que foram despertados por meio do resgate de memórias afetivas individuais e coletivas, trabalhando, assim, a relação presente-passado numa troca de críticas e reflexões. Os sentidos subjetivos, de acordo com a teoria da subjetividade de González Réy (2003), é a unidade básica da subjetividade que integra processos simbólicos e emocionais numa rede maleável. Eles qualificam subjetivamente os fatos concretos vividos. Nessa perspectiva, os modos como as crianças aprendem, por meio das brincadeiras e de como experimentam o mundo (ora pela liberdade, ou com o risco de perigos), ajudam esses participantes a organizar os processos de subjetivação pelos quais nomeiam os modos de ser criança e de aprender.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto de extensão, ao proporcionar aspectos formativos e de pesquisa ligados às ações extensionistas, tem contribuído com a ampliação das experiências acadêmicas dos estudantes da graduação do curso de pedagogia, por meio de suas inserções em ambientes escolares e não escolares, como as unidades de saúde e associação de mães; além da utilização do cinema como recurso fundamental para o desenvolvimento da pesquisa de extensão.

Vislumbra-se, na extensão universitária, a possibilidade de traçar mudanças sociais em relação aos efeitos da medicalização da e na educação que tomam como alvo central as crianças e adolescentes. Aos poucos, esse debate está sendo inserido nesses espaços citados. O cinema tem-se mostrado um recurso estratégico, criando um espaço afetivo e comunicativo que incentiva a fala dos/das participantes, expondo suas concepções sobre o ser criança e seus modos de aprender, reverberando análises sobre os processos de subjetivação dos corpos e de nossas existências.

## REFERÊNCIAS

FÓRUM SOBRE MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE. **Carta do IV Seminário Internacional a Educação Medicalizada: desver o mundo, perturbar os sentidos**. Salvador, Bahia, 2015. Disponível em:

<http://seminario4.medicalizacao.org.br/carta-do-iv-seminario-internacional-a-educacao-medicalizada-desver-o-mundo-perturbar-os-sentidos/>. Acesso em 15 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. **Para uma crítica da medicalização na educação**. Psicologia Escolar e Educacional. Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v. 16, n. 1, p. 136-142, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/30278>.

MOYSÉS, M. A. A; COLLARES, C. A. L. **Desnutrição: uma não-causa do fracasso escolar**. Estudos avançados, USP, v.43, v. 43, p. 1-13, 2005.

PATTO, Maria H. S., **A produção do fracasso escolar. Histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.

ZORZANELLI, R.T., Francisco Ortega, BEZERRA JR, B.. **Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010**. Cien Saude Colet [periódico na internet] (2013/Abr). [Citado em 13/08/2022]. Está disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/um-panorama-sobre-as-variacoes-em-torno-do-conceito-de-medicalizacao-entre-19502010/12505?id=12505&id=12505>

\_\_\_\_\_. Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v.13, n. 1, p. 179-182, jan./jun. 2009. COLLARES, C. L., MOYSÉS, M. A. A. Desnutrição e fracasso escolar: uma relação tão simples? **Revista da ANDE** v.5, p. 56-62, 1982.

\_\_\_\_\_. A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. **Caderno Cedes** (28), 31-48, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Transformação do Espaço Pedagógico em Espaço Clínico** (A Patologização da Educação). São Paulo, FDE, 25-31, 1994. Série Ideias (23).

SOUZA, E. C. de ., & Torres, J. F. P. (2019). **A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais**. Obutchénie. *Revista De Didática E Psicologia Pedagógica*, 3(1), 34–57. <https://doi.org/10.14393/OBv3n1.a2019-50574>

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de janeiro: Graal, 2012

GUARIDO, Renata. A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n.1, p. 151-161, jan./abr. 2007.

GOMES, G. S. L.; BRÍCIO, V. N. Anotações acerca da medicalização da educação e da sociedade. In: *Práticas de judicialização e medicalização dos corpos, no contemporâneo*. Flávia C. S. Lemos et al. (Orgs.). Curitiba: CRV, 2016.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso; COLLARES, Cecília Azevedo lima. Medicalização: o obscurantismo reinventado. In: \_\_\_\_; RIBEIRO, Mônica C. França (Orgs.). **Novas rupturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

PAULA, A. P. P; PINTO, J. F. Contribuições da epistemologia qualitativa de González Rey para estudos transdisciplinares. **Psicologia e Sociedade**, 30, 2018.

SOUZA, M. P. R. Formação de psicólogos para o atendimento a problemas de aprendizagem: desafios e perspectivas. **Estilos da Clínica**, v.5, n.9, 2000.

\_\_\_\_\_. Prontuários revelando os bastidores do atendimento psicológico à queixa escolar. **Estilos da Clínica**, 2005, v. X, n. 18, p. 82-107.